

## FLORESCIMENTO DO ABACATEIRO: ÉPOCAS DE OCORRÊNCIA

VLADIMIR RODRIGUES SAMPAIO

Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"  
Universidade de São Paulo — Piracicaba

### INTRODUÇÃO

Os abacateiros possuem flores completas, porém apresentam o fenômeno da dicogamia. Esse comportamento fez com que as variedades fossem reunidas em dois grupos florais, chamados A e B, (STOUT, 1933). As flores das variedades pertencentes ao grupo A, abrem-se inicialmente pela manhã no estágio feminino e a tarde no masculino, observando-se entre os dois estágios, intervalo de aproximadamente 24 horas. As do grupo B abrem-se inicialmente femininas à tarde e na manhã seguinte masculinas. Em dias de temperaturas e insolação normais o fechamento e abertura das flores é feita em perfeita sincronia, não ocorrendo superposições dos estágios, o que pode em certas variedades dificultar a polinização. Dessa maneira tem sido sempre recomendado o interplântio de variedades com a finalidade de obter-se maior produção. Ora, esse interplântio só será válido, se as épocas de florescimento das variedades interplantadas coincidir, e é para trazer maiores esclarecimentos nesse sentido que fizemos a presente observação.

### MATERIAL E MÉTODOS

As observações foram realizadas em uma velha coleção de abacateiros localizada no Setor de Horticultura da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". O início, intensidade e fim do florescimento foram verificados sobre 22 variedades, usando-se 2 plantas por variedade, exceções feitas ao Westin, Taft e Trapp, com uma planta somente. Para obtenção daquelas informações os abacateiros marcados eram visitados a intervalos de 7 dias. As observações foram iniciadas a 14-07-1971 e encerradas a 06-10-1971.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados das observações estão sintetizados no quadro I

**QUADRO I - FLORESCIMENTO DO ABACATEIRO  
ÉPOCAS DE OCORRÊNCIA**

VARIETADES	ÉPOCA DO ANO											
	JULHO			AGOSTO				SETEMBRO			OUT	
	14	21	28	4	11	18	25	1	8	15	22	29
COLLINSON	[Barra de florescimento]											
PRINCE	[Barra de florescimento]											
LINDA	[Barra de florescimento]											
WAGNER	[Barra de florescimento]											
POLLOCK	[Barra de florescimento]											
TAYLOR	[Barra de florescimento]											
PRINCESA	[Barra de florescimento]											
BARKER	[Barra de florescimento]											
FUERTE	[Barra de florescimento]											
WALDIN	[Barra de florescimento]											
GOTTFRIED	[Barra de florescimento]											
BARONEZA	[Barra de florescimento]											
NILLOH	[Barra de florescimento]											
WENCESLAU	[Barra de florescimento]											
GLORIA	[Barra de florescimento]											
QUEEN	[Barra de florescimento]											
WINSLOW	[Barra de florescimento]											
WINSLOWSON	[Barra de florescimento]											
PUEBLA	[Barra de florescimento]											
WESTIN	[Barra de florescimento]											
TAFT	[Barra de florescimento]											
TRAPP	[Barra de florescimento]											

**LEGENDA**

- [Barra com pontos] SOLTANDO INFLORESCÊNCIA
- [Barra com traços] FLORESCIMENTO - MENOR INTENSIDADE
- [Barra com pontos e traços] FLORESCIMENTO - MAIOR INTENSIDADE

Com relação ao quadro I, verifica-se inicialmente que, uma planta das variedades Collinson, Princesa e Barker e as duas de variedade Nimlioh não floresceram.

Observa-se que o florescimento, ocorreu nos meses de agosto e setembro principalmente. Florecimento mais precoce foi anotado para as variedades Gottfried, Pollock, Fuerte, Puebla, Wencesiau e talvez Winslowson, variedades essas pertencentes as raças antilhanas e mexicanas ou então híbridas. As variedades da raça guatemalense, mostraram-se sem exceção de florescimento tardio no que foram acompanhadas pelos híbridos Collinson e Westin e alguns antilhanos, como Princesa, Baroneza, Trapp e Barker.

O florescimento muito precoce da variedade Cottfried e seu conseqüente desencontro com florada de outros abacateiros de grupo floral diferente, talvez seja a explicação de sua pouca frutificação verificada no pomar em estudo.

Outro aspecto que ressalta no quadro I é a duração do florescimento. Foram verificados florescimentos por longos períodos para Cottfried, Winslowson, Winslow e outros e por curtos períodos para Taylor, Barker, Waldin e Wagner.

Ainda é de interesse comentar que praticamente não se verificou nenhuma diferença entre as repetições das mesmas variedades o que aliás era esperado, pois o material é clonal. Donde pode-se concluir que as verificações feitas em somente uma planta, em algumas variedades são válidas.

### CONCLUSÕES

Das observações realizadas, conclui-se que para melhorar a polinização do abacateiro é preciso não só recomendar o interplântio de variedades de grupos florais diferentes, mas também conhecer a época de ocorrência e a duração do florescimento dessas mesmas variedades.

### LITERATURA CITADA

STOUT, A. B., 1933 — The pollination of avocado, University of Florida, Bull 257, 44 pp.

NOTA PRÉVIA SOBRE A OCORRÊNCIA DE **ERWINIA** sp.  
CAUSANDO PODRIDÃO SECA EM FRUTOS DE  
ABACAXI NA PARAÍBA

SAULO ASSIS PEREIRA DE MELO, EGBERTO ARAÚJO e

JOÃO SUASSUNA

Escola de Agronomia, Universidade Federal da Paraíba

Recebemos, por intermédio da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio da Paraíba, alguns frutos de abacaxi (**Ananas comosus** (L.) Merr) da variedade Pérola ou Pernambuco, provenientes características: bastonetes, formando às vezes pequenas cadeias, dão seca nos tecidos do mesocarpo e formato piriforme bem acentuado.

Dos isolamentos realizados foram obtidos com frequência, colônias de bactérias do gênero **Erwinia**, que apresentavam as seguintes características: bastonetes, formando às vezes pequenas cadeias, gram negativa, peritricas, colônias circulares com bordas crenadas e formação de película em caldo simples.

Tivemos oportunidade de visitar abacaxizais no município de Sapé onde colhemos material apresentando os mesmos sintomas, cujos isolamentos de tecidos das raízes, caules e frutos, nos forneceram bactérias com as mesmas características descritas anteriormente.

A literatura consultada não forneceu informações dessa doença nos abacaxizais nordestinos, pelo que concluímos tratar-se de uma doença nova para a região em apreço.

Os estudos sobre a doença estão em andamento no laboratório de Fitossanidade da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Paraíba, recebendo a ajuda da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio da Paraíba, através do Centro de Estudos de Solos da Paraíba, cujas conclusões serão oportunamente publicadas.